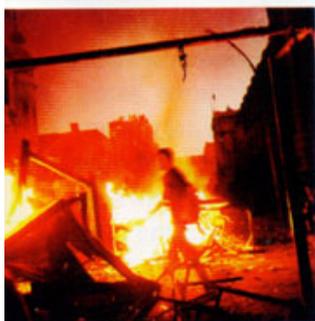


A ALDEIA DIGITAL

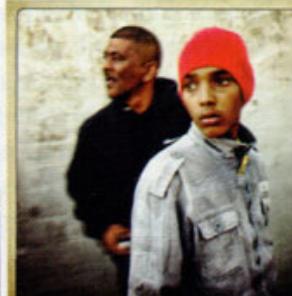
Um grupo de fotógrafos na África compartilha vislumbres do dia a dia no Everyday Africa, um canal do Instagram.

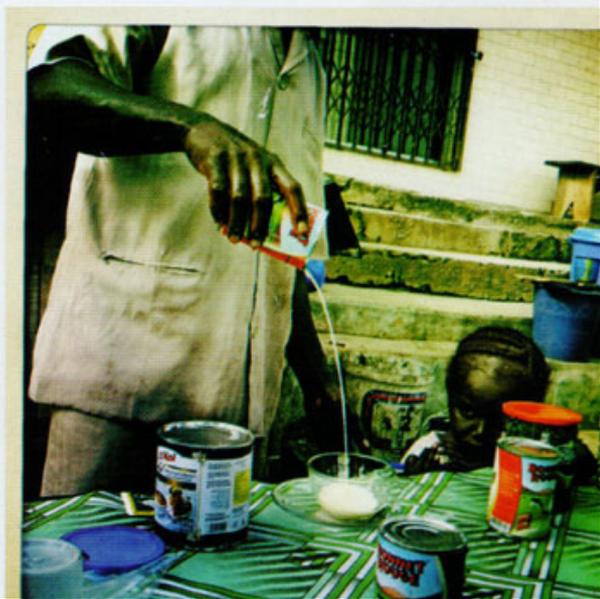
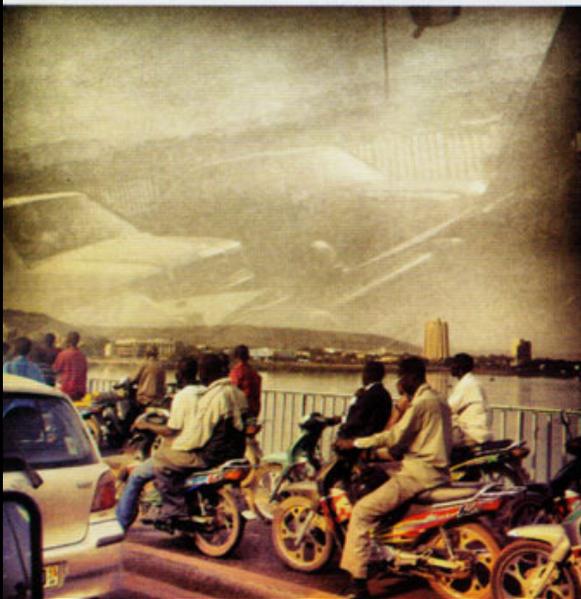


Por James Estrin

Velocidade do obturador, abertura, sensibilidade do filme: antes era preciso dominar os recursos do equipamento para ter condições de criar uma imagem interessante. Hoje, com a difusão dos aplicativos de fotos nos celulares, todos nós viramos fotógrafos, e não dos piores, pois a qualidade das imagens feitas com smartphones já é comparável à das câmeras digitais.

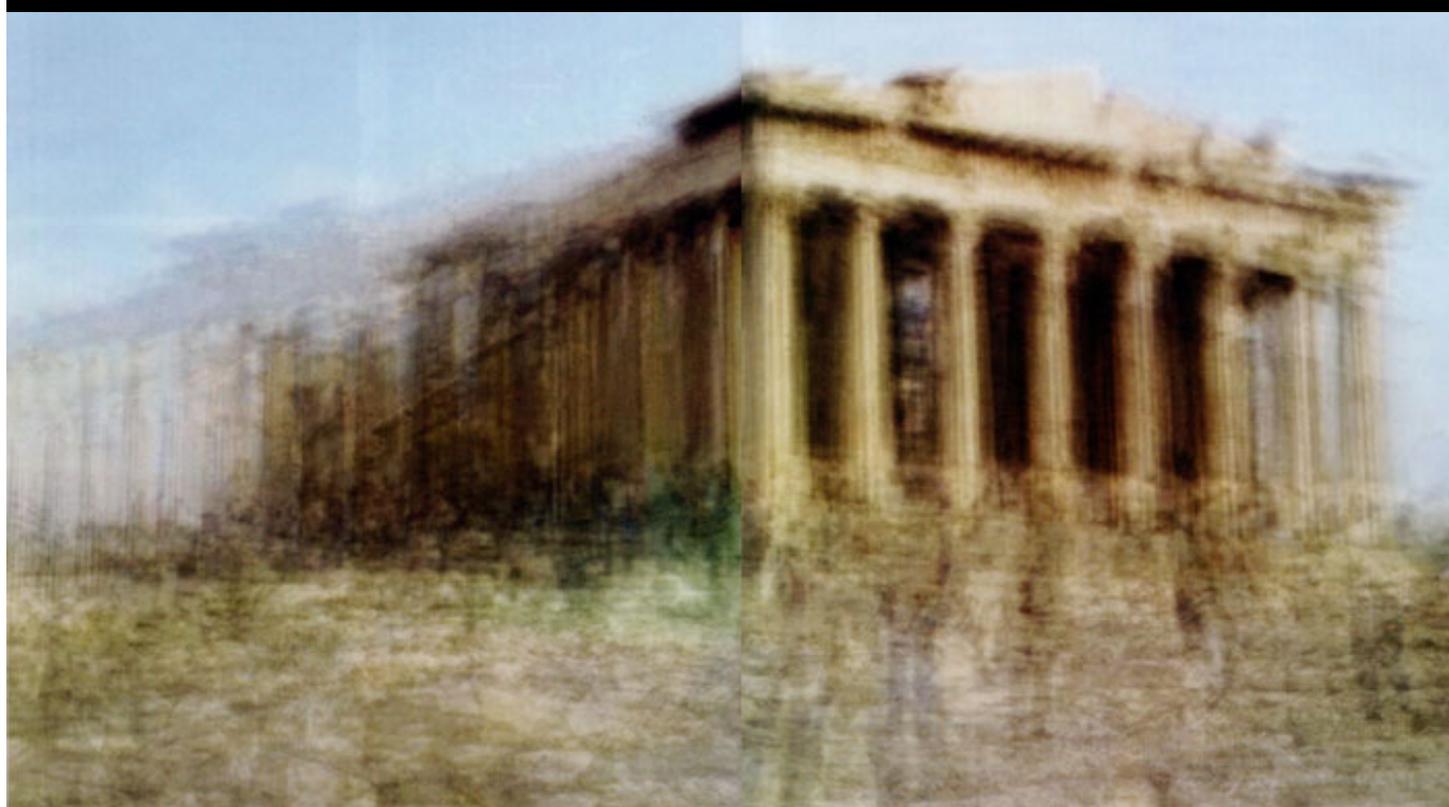
Essa facilidade desencadeou um apetite insaciável. Estamos registrando todos os momentos da vida com uma intensidade maníaca, seja o nosso café da manhã, seja o nosso gato – ou mesmo a refeição matinal do gato. E, em vez de guardar as fotos em álbuns, agora nós as partilhamos, marcamos e comentamos com conhecidos e estranhos ao redor do mundo. Até mesmo os fotojornalistas estão explorando os celulares com câmeras, pois o fato de serem quase invisíveis propicia o registro de momentos proibidos ou delicados. A internet permite que eles evitem as mídias tradicionais e passem a controlar a publicação de suas imagens, alcançando públicos enormes por meio de redes sociais como o Instagram. Uma foto feita em Nova York pode





Corinne Vionnet, Grécia, 2006 *A artista suíça vasculha sites de compartilhamento de fotos e sobrepõe centenas de instantâneos feitos por turistas em pontos de observação similares, refletindo o nosso desejo coletivo de recriar imagens de locais emblemáticos, como o Partenon.*

DE SEU LIVRO PHOTO OPPORTUNITIES



ser postada na rede e, poucos segundos depois, ser comentada por alguém em Lagos, na Nigéria.

O problema é: com tanta gente compartilhando fotos na internet a cada dia, nenhuma imagem continua especial por muito tempo. Décadas após a Guerra do Vietnã, a foto feita por Nick Ut da pequena Kim Phuc, 9 anos, com queimaduras de napalm e correndo nua por uma estrada, ainda permanece viva em nossa imaginação. A imagem de Eddie Adams, na qual um general sul-vietnamita executa um vietcongue infiltrado, mudou a maneira pela qual muita gente via a guerra.

Há algo excitante no amplo experimento social que estamos vivendo na era digital.

Contudo, se hoje não há tantas fotos memoráveis, não é por que existam menos imagens boas. Pelo contrário: o motivo é que são abundantes.

A onipresença da fotografia altera a maneira como vivenciamos os acontecimentos. Por todos os lados, há câmeras de vigilância, que dão à polícia pistas para crimes. Quando os manifestantes se reúnem na avenida Paulista, em São Paulo, ou um tornado devasta uma cidade em Oklahoma, são as pessoas comuns, com seu celular, e não os fotojornalistas, que fornecem as primeiras imagens para os noticiários. A qualidade ainda faz diferença, mas não é mais tão importante quanto o fato de uma imagem ser difundida sem demora.

Ao mesmo tempo que os meios de comunicação abrem espaço para cidadãos-jornalistas, os critérios do profissionalismo estão mudando. Antes das imagens digitais, a maioria das pessoas considerava as fotos como um reflexo acurado do real. Hoje, as imagens podem sofrer modificações que mal se notam a olho nu. Qualquer imagem pode ser manipulada para proporcionar uma versão “melhorada” da realidade.

A situação torna-se ainda mais escorregadia quando os repórteres começam a experimentar

aplicativos como o Hipstamatic e o Instagram, que incentivam o uso de filtros cujas cores saturadas, desbotadas ou arranhadas criam fotos artísticas, hiperreais ou envelhecidas. Os fotógrafos que usam tais aplicativos para cobrir guerras criaram imagens fortes – mas também controversas. Alguns se preocupam porque as fotos que simulam antiguidade poderiam conferir uma aura romântica à guerra. Com a alusão a conflitos do passado, elas correm o risco de nos afastar das vidas que combatem nas guerras atuais.

Contudo, a fotografia sempre foi mais subjetiva do que supomos, e cada foto é o resultado de uma série de decisões – onde se colocar, que lentes usar, o que enquadrar e o que deixar de fora. Será que a manipulação das fotos com os filtros dos aplicativos as torna menos verdadeiras? O programa Street View, do Google, cujas câmeras coletam imagens de todo o mundo, agora é usado por fotógrafos de arte, que, sentados diante de seu computador, recortam e reprocessam as imagens mais atraentes. Com as câmeras de vigilância onipresentes nos centros urbanos, teremos chegado ao ponto em que câmeras não mais precisam de fotógrafos, e estes não mais precisam de câmeras?

Há uma excitação e um impacto tremendos no experimento social que nos envolve nesta era digital. As novas ferramentas tornam mais fácil contar histórias que nos interessam – e possibilitam que outros façam o mesmo. Muitos praticantes dos meios de comunicação tradicionais ficaram presos às mesmas histórias – eleições, legislaturas, guerras, fomes, desastres – e, com isso, acabaram por deixar de lado imagens da vida cotidiana, que, embora menos dramáticas, são igualmente relevantes e esclarecedoras.

A democratização da fotografia pode ser benéfica para a própria democracia. Centenas de milhões de potenciais cidadãos-jornalistas tornam menor o planeta e nos ajudam a responsabilizar os nossos líderes por seus atos. De Teerã à praça Tahrir, no Cairo, as pessoas agora podem mostrar ao mundo contra o que estão lutando,



Michael Christopher Brown, China, 2010 *Um dos pioneiros no uso do celular no fotojornalismo, Brown aprecia o fato de essa ferramenta lhe permitir passar despercebido. Seu trabalho com iPhone na Líbia e em outros pontos de conflito tornou-se conhecido no mundo todo.*

tornando cada vez mais difícil que os regimes atuem nas sombras. Se todos têm acesso a câmeras, então o Grande Irmão não é o único a ficar de olho.

Talvez essa febre de registro e de hiperconexão leve a uma profunda mudança em nossa maneira de ser. Talvez estejamos testemunhando o desenvolvimento de uma linguagem visual universal, capaz de alterar o modo como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo. Claro que, como no caso de qualquer linguagem, há aqueles

que a usam para criar poesia, assim como há quem prefira fazer listas de compras.

Ainda não é evidente se esse florescimento da produção de imagens vai levar a um público educado em termos visuais – ou simplesmente nos anestesiar para os efeitos profundos gerados por tantas imagens de boa qualidade. Seja como for, não há mais como voltar atrás. O futuro chegou. Esperemos que os milhões de novas fotos hoje produzidas nos ajudem a ver o que temos em comum, em vez de acentuar o que nos separa. □



Benjamin Lowy, Coney Island, Nova York, EUA, 2012

Durante a tempestade Sandy, a revista Time colocou o seu canal no Instagram à disposição de cinco fotógrafos. A transferência do controle editorial era inusitada, mas necessária: com os apagões de eletricidade, o Instagram era o meio mais rápido de transmitir as notícias.

REPORTAGE BY GETTY IMAGES

Scott Strazzante, Chicago, Illinois, EUA, 2012

Além do seu premiado trabalho no Chicago Tribune, Strazzante posta fotos feitas com celular em um blog do jornal, intitulado Shooting from the Hip.





Balazs Gardi, Cabul, Afeganistão, 2011 *Gardi e três outros fotógrafos se incorporaram a uma unidade dos Fuzileiros Navais americanos para fazer imagens dos combates com um aplicativo para iPhone. Eles partilhavam as fotos com amigos e parentes dos soldados, no Facebook e em outras mídias sociais.*

Noah Fougere, Watertown, Massachusetts, EUA, 2013 *Enquanto a polícia buscava o suspeito de explodir a bomba em Boston, cidadãos comuns postavam tudo que viam em suas janelas. A facilidade de compartilhamento das fotos vem mudando o significado do jornalismo.*

Jon Rafman, Rv888, Finnmark, Noruega, 2010 *O artista canadense vasculha o Google Street View e escolhe as cenas mais belas e estranhas, como a desta rena saltando por uma estrada (ela não se feriu ao passar diante do carro do Google). As imagens agora estão expostas em galerias. Resta a questão: o que significa ser fotógrafo?*

GOOGLE MAPS/JON RAFMAN, ZACH FEUER GALLERY, NOVA YORK / M+B GALLERY, LOS ANGELES

